

O que é Religião?

Ângelo Vieira da Silva *

Como explicar a distância entre o conhecimento e a experiência? Como responder as perguntas sobre o sentido da vida e da morte? O que diz a linguagem religiosa? Poderão os símbolos, nascidos da imaginação, competir com a eficácia daquilo que é material e concreto? Possuirá o mundo relações com a solidez das coisas naturais ou com as espirituais? E o discurso religioso? Qual é? Como é sua linguagem? Como podemos duvidar da eficácia da religião? Como poderá a ciência negar a religião se ela é real? Que são as religiões? Por que não entendê-las da mesma forma como compreendemos os sonhos? Por que Sigmund Freud não tinha simpatia com as religiões assim como tinha simpatia para com os sonhos? Como afirmar o sentido da vida perante o absurdo da existência, representado de maneira exemplar pela morte que reduz a nada tudo o que o Homem construiu e esperou? Enfim, todas estas perguntas encontrarão respostas psicológicas, psicanalíticas, empíricas, filosóficas e sociológicas no livro do versado autor Rubem Alves.

Escritor mineiro, entre os mais de cento e vinte livros produzidos, possui obras traduzidas em várias línguas. Como a si mesmo descreve, é pedagogo, poeta e filósofo de todas as horas, cronista do cotidiano, contador de estórias, ensaísta, teólogo, acadêmico, autor de livros para crianças, psicanalista. Independente das críticas, Alves, de fato, é um dos intelectuais mais famosos do Brasil. Decerto, o livro “O que é Religião?” é um exemplar digno de atenção na tentativa de responder as questões introduzidas nesta resenha.

Dentro das perspectivas medievais e históricas, o universo físico se estruturava em torno do drama da alma humana em meio a luz e

trevas da eternidade. Mas algo aconteceu. Quebrou-se o encanto. A poesia do autor perfaz o ateísmo metodológico e questiona: Desapareceu a religião? É certo que não, porém, foi expulsa dos centros do saber científico e do campo das decisões que determinam a vida num todo. Vendo desta perspectiva, confessar ser um religioso seria o mesmo que confessar ser habitante de um mundo encantado. Assim Alves certifica que a religião não se liquidaria com a abstinência dos atos sacramentais e a ausência dos lugares sagrados, da mesma forma como o desejo sexual não pode ser eliminado pelos votos de castidade. A definição de religião, portanto, poderia girar-se em torno do comportamento exótico como presença próxima da expressão pessoal, sendo este comportamento um espelho do que se vê.

Se o autor relembra que “o homem é a única criatura que se recusa ser o que ela é”, igualmente intenta revelar um mistério antropológico que deseja criar o chamado “objeto desejado ideal”, numa visão psicanalítica de símbolos da ausência. A psicanálise, conforme Alves, sugere que o homem faz cultura a fim de criar os objetos de seu desejo. Ele procura um mundo onde possa ser amado. Daí, a religião surge cheia de símbolos, desejos e gestos que se tornam religiosos quando os homens os batizam como tais. Religião, então, seria certo tipo de fala, discurso, uma rede de símbolos.

Esta religião opera no exílio do sagrado. Os símbolos vitoriosos tornam-se verdade simplesmente porque foram em meio a uma história cheia de eventos dramáticos que se forjaram os argumentos que defendem a pergunta: “O que é religião?”. Estas verdades giravam em torno da salvação, enfermos, caridade, lei... tudo tinha

* **Ângelo Vieira da Silva**
Mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória/ES com ênfase na Análise do Discurso Religioso, Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP e pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Denoel Nicodemos Eller/MG (intracorpus). É Ministro do Evangelho na Primeira Igreja Presbiteriana do Brasil na cidade de Resplendor/MG (revavds@gmail.com)

um propósito definido. Deus controlava tudo e a todos. É justamente aqui que se encontra o caráter essencialmente religioso nos símbolos, bem como onde são exilados: se o universo religioso é encantado e a ciência faz este universo perder sua aura sagrada, todo o discurso religioso é classificado como engodo consciente ou perturbação mental. Os homens são os produtores de suas concepções. É ele quem faz a religião e não a religião quem o faz. Não havendo lugar para a religião, a mesma é exilada e considerada inútil para mudar mudar as condições de vida.

Alves amplia a resposta de sua obra. Se a religião é um sonho da mente humana, também é sua voz do desejo. Ele indaga: por que não entender a religião da mesma forma como se entende os sonhos? Considerando a definição de Sigmund Freud, “os sonhos são as religiões dos que dormem e religiões são os sonhos dos que estão acordados”, postula que nesta relação o homem vive em guerra permanente consigo

mesmo, por fim, ele não sabe o que quer ser nem o que desejar. A religião, portanto, é a mensagem do desejo... “conta-me os teus sonhos e decifrei o teu coração, teu Deus e quem és”.

Finalmente, é importante reconhecer que a religião vive o que qualquer outra ciência experimenta: subscrição e críticas, resistência e aceitação, proteção ou agressão. Sim, os que acusam dizem ser ela uma louca que balbucia coisas sem nexos; os que a defendem afirmam que sem ela o mundo não pode existir e que, quando desvendamos os seus símbolos, o homem se contempla como num espelho. Neste embate, todavia, é fundamental admitir que todas as ciências são obrigadas a enfrentar um ateísmo metodológico e nada mais.

*ALVES, Rubem. O que é Religião?
13ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, 133 pp.*